



Maria de Lourdes Lima dos Santos  
(Foto de Raquel Wise)

## Entrevista a Maria de Lourdes Lima dos Santos por Ana Nunes de Almeida

**Maria de Lourdes Lima dos Santos** doutorou-se em sociologia da cultura no ISCTE em 1985 e jubilou-se em 2005 enquanto investigadora coordenadora do ICS. Entre 1996 e 2007, na qualidade de presidente do Observatório das Actividades Culturais (OAC), coordenou diversos projectos pioneiros sobre políticas culturais e públicos em Portugal, mecenato artístico, leitura, museus e galerias de arte, políticas culturais e descentralização, cujos resultados se encontram publicados e constituem referentes fundamentais no campo da sociologia da cultura em Portugal.

**Ana Nunes de Almeida** é socióloga e investigadora coordenadora do ICS-UL. Licenciou-se em sociologia (Faculté des Sciences Économiques et Sociales, Univ. de Genève, 1979), doutorou-se em sociologia (ISCTE, 1991), e realizou provas de habilitação em 2008 na Universidade de Lisboa. A convite de A. Sedas Nunes entrou em 1980, como “colaboradora externa”, para o Gabinete de Investigação Sociais (GIS) e desenvolveu, a partir de então, investigação sobre família e classe social, trabalho feminino, fecundidade, infância e escola. É actualmente Pró-Reitora da Universidade de Lisboa. Autora de diversos livros e artigos, coordenou recentemente *História da Vida Privada em Portugal*, vol. IV, Lisboa, Círculo dos Leitores, 2011 e publicou em colaboração “Children and digital diversity: From ‘unguided rookies’ to ‘self-reliant cybernauts’”. *Childhood*, 2011, e individualmente *Para uma Sociologia da Infância*, Lisboa, ICS, 2009.

**Ana Nunes de Almeida (ANA)** — *Era interessante começarmos por falar do papel do GIS como detonador de uma certa actividade nas ciências sociais, o que acontece logo na década de 60...em meu entender, o GIS foi uma semente, e é partir dele que depois haverá outras ramificações que vão abrir o campo em Portugal. Concordas com esta ideia?*

**Maria de Lourdes Lima dos Santos (MLLS)** — Sim, e acho mesmo difícil falar do papel do GIS/ICS para as ciências sociais sem recordar os primórdios do GIS... sem fazer um recuo no tempo. Não vou entrar em grandes pormenores porque já há muita coisa escrita sobre isso.

É em 66 que se cria o grupo de bolseiros para o qual eu entro, o grupo de bolseiros do GIS... já então existia a *Análise Social*, criada em 63...

Porque, de facto, as pessoas que escreviam para a *Análise Social* tinham outros cargos e não tinham uma grande disponibilidade para o ficar a fazer continuamente. Portanto, o Adérito Sedas Nunes, personagem que, é evidente, não pode deixar de ser uma primeira referência quando se fala das ciências sociais em Portugal, o Sedas Nunes vai criar esse grupo de bolseiros. Seriam os que iriam fazer pesquisa no GIS, trabalhar para o GIS, e não só produzir artigos para *Análise Social*. Atenção, este *só* não tem nada de pejorativo... foi fundamental a prestação de todos aqueles colaboradores que integraram a *Análise Social* nos seus primeiros tempos. Deram a conhecer a revista... eram pessoas de grande mérito e que trabalhavam com uma abertura e independência que não eram habituais naquela altura.

Quanto ao grupo de bolseiros, éramos uns 6: eu, a Eduarda Cruzeiro, o José Carlos Ferreira de Almeida, o David Miranda, a Fátima Bívar (Maria Velho da Costa). Depois vão entrando mais pessoas. O João Ferreira de Almeida, o Madureira Pinto... há uma série deles que vão entrando...

**ANA** — *Qual era o critério com que o Sedas Nunes vos escolhia?*

**MLLS** — Julgo que o Sedas Nunes apostava no interesse que as pessoas manifestavam por aquele tipo de problemas sociais, não digo sociológicos porque nessa altura ainda não éramos sociólogos.

De facto, eu não sei bem quais seriam os critérios dele... De qualquer forma, os bolseiros eram pessoas com formações disciplinares diferentes, muito diferentes. Havia gente de direito, de letras, de engenharia, havia um único sociólogo propriamente dito, o José Carlos Ferreira de Almeida, que tinha feito, ou estava a acabar, sociologia na Sorbonne.

Mas o Sedas Nunes convidou vários professores (todos franceses) de vários ramos da sociologia que vieram fazer seminários no GIS. Foi assim uma espécie de pós-graduação...

**ANA** — *Não fazia ideia.*

**MLLS** — Houve uma outra coisa que achei muito interessante e útil, e que eram os debates sobre as leituras que tínhamos feito e as questões que a cada um de nós elas tinham levantado. Isto antecedeu a nova actividade, que cedo fomos chamados a desempenhar — o ensino de ciências sociais no então chamado ISCEF. Começámos aí a dar cadeiras de introdução às ciências sociais, para não se chamar sociologia, uma palavra perigosíssima na altura. Sociologia e marxismo eram a mesma coisa para a gente do regime... Esta entrada para o ensino foi, a meu ver, muito proveitosa para nós, embora representasse um desafio muito grande termos de começar a ensinar ao mesmo tempo que estávamos a aprender. Mas isso terá concorrido para criar com os alunos uma relação muito positiva, uma relação em que nós, docentes, também nos sentíamos alunos, estávamos ali a aprender

também. Isso aproximávamo-nos muito deles, havia um contacto muito aberto e cúmplice, o que naqueles anos não era muito comum. Lá fomos prosseguindo...

**ANA** — *Estavam sobretudo focados na sociologia?*

**MLLS** — Sobretudo, pois. É mais tarde que se começa a fazer a abertura para outras disciplinas das ciências sociais, em particular quando se faz a institucionalização do GIS e este se torna o ICS. Passa então a haver, de facto, espaço para a antropologia, para a história, a psicologia. Esta pluridisciplinaridade começa a ganhar uma forma institucionalizada.

**ANA** — *Mas o núcleo fundador, os autores que vocês liam, as pessoas que vinham a Portugal dar formação eram sobretudo sociólogos?*

**MLLS** — Sim, predominantemente. Talvez por influência do próprio José Carlos Ferreira de Almeida, que tinha feito muitos contactos na Sorbonne com vários docentes que eram sociólogos. Conseguiu, juntamente com o Sedas Nunes, que alguns deles viessem cá para os tais seminários que referi. As bibliografias que esses sociólogos nos deixaram foram também referências muito úteis para a nossa preparação, para a preparação das aulas que depois passámos a dar, e para a feitura dos cadernos que organizávamos para os alunos. Acho que foi um bom esforço. Ainda guardo esses cadernos... não sei bem onde, mas tenho-os algures.

**ANA** — *Faziam cadernos de apoio às aulas?*

**MLLS** — Fazíamos. Com pequenos textos nossos de abertura para os excertos que escolhíamos apresentar para os diferentes pontos dos programas da cadeira. Lembro-me que havia uma orientação interessante, muito marcada pelo Sedas Nunes, que era uma aproximação a outras ciências, que não só as ciências sociais, em termos de preocupações metodológicas e epistemológicas. Já havia essa aproximação às chamadas ciências “duras”. Incluíam-se nos cadernos de apoio textos, por exemplo, de investigadores de física com preocupações muito próximas daquelas com que nós estávamos relativamente a questões como o da pretensa neutralidade científica, etc., etc.

O desafio das aulas foi um bom estímulo para continuar o nosso próprio programa de leituras. Lembro-me do ritmo alucinante dessas leituras que fiz, na altura, com um ânimo que dificilmente teria se não fosse naqueles anos... Entre muitas outras coisas, li, então, *O Capital*, de ponta a ponta, muito aplicadamente.

**ANA** — *Mas faziam essas leituras e depois discutiam-nas?*

**MLLS** — Exactamente. Tínhamos uma ou duas sessões por semana em que nos juntávamos todos, inclusive o Sedas Nunes, e, como há pouco dizia, cada um apresentava os problemas que se tinham levantado a partir dessas leituras e fazia-se um *brainstorming* ali à volta. Era muito entusiasmante.

**ANA** — *Achas que o Adérito tinha em mente o projecto de abrir o campo das ciências sociais em Portugal, ou queria ele sobretudo conhecer a sociedade portuguesa?*

**MLLS** — Acho que esse projecto foi algo que se foi engendrando, não é? Costuma dizer-se que fomos a geração pioneira dos sociólogos portugueses, mas nós nessa altura não nos estávamos a ver como “os primeiros sociólogos”. Provavelmente, também na cabeça do Sedas Nunes a coisa foi-se formando... Uma vez criado o GIS, veio depois a ideia de criar o Instituto, até porque o GIS era de uma precariedade enorme, nunca se sabia se ia continuar ou não, por todas as razões e mais uma, inclusive a da questão política, porque o GIS estava debaixo de olho! Ainda me lembro de haver uma visita de pides, a inspecionarem o espaçozinho que nos tinha sido cedido no ISCEF para nos reunirmos e trabalharmos. Foi tudo espiolhado...

**ANA** — *E naquela altura, este era o único núcleo de ciências sociais em Portugal?*

**MLLS** — A ocupar-se em estudar a sociedade portuguesa com uma abordagem, um olhar de análise social (não por acaso era mesmo o nome da revista!), eu julgo que éramos o único núcleo na altura...Fazer análise social, não a nível individual mas integrado num grupo, era muito complicado naquela época...

E foi positivo que a actividade desse núcleo, o GIS, integrasse a ligação investigação-ensino, e logo nos primeiros tempos. Sempre achei importante organizarmos primeiro o nosso pensamento e depois organizá-lo também para o podermos transmitir a outros, particularmente a alunos.

**ANA** — *De que temas se ocupavam, do ponto de vista do conhecimento da sociedade portuguesa?*

**MLLS** — Havia um grande interesse, sobretudo por parte do Sedas Nunes, sobre a universidade em Portugal. Recordo a publicação de dois grandes números da *Análise Social* dedicados a esse tema. Havia muito a preocupação de tentar perceber o que se passava no nosso país para além do discurso retórico ou político. E isto envolvia uma grande variedade de temas e questões. Por exemplo, a família foi um dos temas explorados no sentido de conhecer o que se estava a passar aí, quer do ponto de vista demográfico, quer do ponto de vista das relações familiares. Os jovens... havia uma juventude que estava a transformar-se, e essa foi também uma temática alvo das nossas pesquisas.

E depois havia, e isso era muito forte nos anos iniciais, uma grande preocupação de fundo com as questões metodológicas e epistemológicas. Fez-se um grande investimento na formação teórica e metodológica e na reflexão epistemológica. E aí, lembro-me do empenho muito forte do Madureira Pinto e do João Ferreira de Almeida, também, que publicaram um trabalho conjunto sobre a investigação em ciências sociais. Por mim, fui mais consumidora do que propriamente produtora de escritos no que respeita a esse domínio. Achava muito importante a reflexão sobre questões metodológicas e epistemológicas, mas não era bem um tema em que eu gostasse de ficar a trabalhar...

**ANA** — *E como é que tu própria lá dentro começaste a definir uma área?*

**MLLS** — Claro que nos primeiros tempos ainda não tinha definido área nenhuma... Andava em explorações, saltitando por várias temáticas... fazendo incursões por vários domínios... Isso vai ser só na fase posterior ao 25 de Abril. Nos anos 80 é que vou enveredar pela sociologia da cultura, tanto na actividade de investigação (ICS) como na de ensino (ISCTE).

**ANA** — *Depois de uma primeira ramificação para o ISCEF, surge mais tarde a relação com o ISCTE, a relação do Sedas Nunes com o ISCTE.*

**MLLS** — Digamos que o ISCEF não era propriamente um Instituto vocacionado para um ensino desenvolvido de sociologia. Acho que o Adérito se apercebeu muito cedo da necessidade de haver uma escola de ensino superior em que fosse muito forte a área da sociologia. E teve um papel fundamental na criação do ISCTE. Entusiasmou muita gente para trabalhar com ele neste novo projecto.

**ANA** — *Como por exemplo?*

**MLLS** — Alguns dos primeiros colaboradores da *Análise Social* e, como era de esperar, os membros do GIS. Como os outros meus colegas do grupo, também passei do ISCEF para o ISCTE. E foi outra vez um afã, a constituirmos a equipa e a prepararmos o programa para a futura cadeira de sociologia geral.

**ANA** — *E o processo evolui...*

**MLLS** — Logo de seguida acontece o 25 de Abril. Surge depois a possibilidade do reconhecimento da licenciatura em sociologia, no ISCTE, o que até então não tinha sido viável. Entretanto, dá-se a institucionalização do GIS enquanto ICS, que ocorre em 82. Foi uma mudança grande. Passou a poder-se ser sociólogo, não só porque havia formação específica em sociologia, mas também uma carreira — uma carreira de investigador, e uma carreira de docente com candidatos a terem de fazer as provas.

Lembro-me que foi então que comecei a preparar o meu doutoramento, como muitos outros colegas. Já era possível fazer um doutoramento em sociologia, e era possível candidatar-nos às provas da carreira de investigação. No meu caso, iria fazer esse doutoramento, essas provas, já na área da sociologia da cultura.

**ANA** — *Uma grande mudança...*

**MLLS** — É verdade. A institucionalização do ICS trouxe acrescido reconhecimento para uma carreira nova, a de sociólogo, e para uma área nova, a de sociologia. Trouxe também alguma segurança profissional. E trouxe exigências novas para o desenvolvimento da prática da sociologia. Digamos que, como até então não havia financiamentos para projectos, esta situação, bastante negativa, acabava por abrir um largo espaço para pesquisarmos o que nos parecesse sedutor e levamos o tempo necessário para pesquisarmos

o que estávamos interessados em pesquisar. Ora bem, com as novas exigências de uma carreira institucionalizada e de encomendas de projectos com prazos apertados, aquele espaço de liberdade ficaria necessariamente muito minguado...

Falando de mudanças num plano mais pessoal, há que aludir agora à minha passagem para a sociologia da cultura. Com efeito, criei a cadeira de sociologia da cultura no ISCTE em 83, antes de fazer o doutoramento também na mesma área. Parece-me interessante chamar a atenção para um aspecto que é o facto de estar a trabalhar nas mesmas temáticas, tanto em termos de ensino como de investigação, reproduzindo-se a relação, que tanto prezo, entre estas duas actividades.

A propósito da minha passagem para a sociologia da cultura, talvez seja curioso referir o papel que o Sedas Nunes tinha, não raro, nas nossas orientações de trabalho. Vou contar aqui uma pequena “estória”. Tinha começado a interessar-me por uma revista, as *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, que tinha artigos interessantíssimos relativos a questões de arte e cultura. Comecei a escrever umas coisas à volta destas questões, artigos que o Sedas Nunes leu, perguntando-me: “Mas por que é que não envereda por estas áreas em que tem tanto gosto em trabalhar?”... Devo-lhe isso, não é?

**ANA** — *Muitos de nós lhe devem empurrões desses...*

**MLLS** — Lembro-me de que, de seguida, ele mandou adquirir uma série de livros (estava sempre informadíssimo a respeito das coisas que iam saindo) sobre temas afins do que podemos designar como a área da sociologia da cultura, livros que vieram para a biblioteca do ICS. Eu própria fui, depois, desenvolvendo essas aquisições, criando uma quota para a dita área.

**ANA** — *Naquela altura, quando enveredaste pelo caminho da sociologia da cultura, foste precursora...*

**MLLS** — Fui, é verdade. Não é imodéstia nenhuma, aconteceu assim, não estava ninguém nesta área e, de facto, acabei por ser eu a responsável pela criação da primeira cadeira de sociologia da cultura no ISCTE, em 83. Depois, o primeiro doutoramento em sociologia da cultura também é o meu, em 85. No ICS sou eu quem trabalha na dita área e, enfim, acabaria por estar também ligada à criação do Observatório das Actividades Culturais, em 96.

**ANA** — *Mas acabaste por criar uma escola, puseste muita gente a trabalhar na tua área.*

**MLLS** — Não direi uma escola, mas o que acontece é que a cadeira da sociologia da cultura passou a ser seminário, e mais tarde vai estar num mestrado no ISCTE e, também aqui, no mestrado do ICS, a partir dos anos 93 ou 94. E alguns desses alunos, que ficaram interessados na matéria e na área, irão ser depois meus colaboradores nalguns projectos ou irão mesmo trabalhar comigo, integrando a equipa do Observatório. Isso foi muito agradável, poder contar com eles.



Claro que, mais tarde, deixo de ser a ave rara que estava na sociologia da cultura. Começaram a aparecer licenciaturas e núcleos de estudos de sociologia no Porto, em Coimbra, e as pessoas começam a fazer as suas carreiras e algumas delas a escolher a sociologia da cultura.

No entanto, como é costume neste país, as pessoas trabalham muito separadas umas das outras, e é muito por via de amizades pessoais/profissionais que há uma colaboração dentro da área da sociologia da cultura. É isso... mais uma questão de afinidades electivas, do que uma colaboração institucional. Não são relações formais entre instituições, mas relações entre pessoas que, por acaso, pertencem a diferentes instituições.

**ANA** — *Em suma, e em teu entender, quais foram as principais contribuições do GIS, e depois do ICS, para a constituição do campo das ciências sociais em Portugal?*

**MLLS** — Bem, o GIS é mesmo um caso de pioneirismo nesse campo, não é? E de abertura de um terreno de conhecimento novo em Portugal. O ICS vai continuar essa via mas, como é óbvio, o dito campo irá reconfigurar-se ao longo do tempo. Veja-se o caso da *Análise Social*, que é hoje uma revista entre variadíssimas revistas nacionais de ciências sociais, mas que durante um período era a única. Já marcante nos seus inícios, depois, quando o GIS se institucionaliza, naturalmente que passa a ser mais divulgada, a ter mais colaborações e mais diversificadas.

De não perder de vista também a questão da projecção da sociologia portuguesa. Para além da projecção nacional, o ICS e a *Análise Social* desempenharam igualmente um importante papel no abrir da projecção internacional. Acho que ninguém negará isso. Seguidamente abrir-se-iam outras oportunidades nesse mesmo sentido. A criação da Associação Portuguesa de Sociologia (APS), a realizações dos seus primeiros congressos...

Depois, ao longo do tempo, vão felizmente surgindo outros contributos muitíssimo válidos de outras escolas, de outros centros, de outros investigadores. Aliás, penso que nós, os dos primórdios do ICS, sentimos a certa altura uma coisa dúplice: por um lado, era “ai que bom, agora já se faz sociologia em tantos lugares”; por outro, “ai, a *Análise Social* já não é única”. Curiosa esta ambivalência: satisfação pelo alargamento, mas ao mesmo tempo um certo desconforto por verificarmos que já não éramos os únicos no campo...

Hoje em dia o ICS até está como uma enorme abertura, a receber gente de fora, de outras universidades, de outros países; a trabalhar em projectos internacionais, etc. Mas a luta pela internacionalização foi difícil e lenta. No caso particular da sociologia da cultura, que tendencialmente tem sido uma disciplina que leva mais tempo a ser reconhecida como uma disciplina efectivamente necessária, essa internacionalização só teria meios para se desenvolver nos finais dos anos 90. Mas foi muito gratificante, quando apresentei



internacionalmente resultados dos projectos realizados no Observatório, ver os meus colegas dos outros países muito interessados por terem informação, finalmente numa abordagem de cientistas sociais, sobre a realidade cultural e artística em Portugal.

**ANA** — *Para além de uma experiência profissional distinta para ti, a criação do OAC pode também ser vista como uma novidade na missão do ICS...*

**MLLS** — Para quem não saiba, há que dizer que o Observatório é uma associação sem fins lucrativos que integra como sócios fundadores o ICS (eu enquanto directora do OAC continuei a ser investigadora coordenadora do ICS) e mais outros dois associados: o Ministério da Cultura e o INE. Por iniciativa do ministro da Cultura Manuel Maria Carrilho, o OAC foi criado em 96, e dirigido por mim até 2007, data em que me retirei de funções, estando já jubilada. Trata-se de um tipo de organismo que permite uma interessante aproximação entre o campo da investigação e o campo político e, nesse sentido, tem efeitos marcantes na acção do investigador como interventor, o que, claro está, tem de ser gerido com muito cuidado e vigilância. Lembrou-me de haver colegas aqui no ICS que levantavam problemas quanto ao meu novo cargo: “Ah, tu aqui és muito independente, mas e depois como é que vai ser ser tão próximo do político?” Efectivamente, o objectivo central do Observatório era fazer pesquisa para produzir informação cientificamente validada, a fornecer ao Governo. Mas nunca senti que tivesse perdido a tal independência na prática de investigação... A dificuldade que havia sempre era gerir a diferença entre as exigências do tempo político e as exigências do tempo de investigação, isso foi sempre complicado, mas não impossível.

**ANA** — *Mas o contributo do OAC para o campo científico é também reconhecido...*

**MLLS** — Fico contente ao ouvir-te dizê-lo. Já agora faço notar que abrimos pelo menos dois campos novos: um que foi o dos estudos sobre as políticas, mais precisamente sobre as políticas culturais, que emergem então como objecto de análise sociológica; outro que foi o dos estudos de públicos, que anteriormente mal existiam, e depois, passado algum tempo, começaram a multiplicar-se, a fazer-se em imensos sítios.

**ANA** — *Como caracterizas tu as linhas de força teóricas e empíricas que emergiram nas ciências sociais portuguesas nos últimos 20 anos?*

**MLLS** — Eu aqui estava capaz de fugir um pouco, ou antes, propor-te falar mais do que se passa na área de que estou mais próxima, a da sociologia da cultura.

Aliás, tenho um livro no ICS à espera de ser publicado que dá conta disso... Uma das partes desse livro é constituída por textos que não estavam publicados, ou estavam esquecidos, perdidos, e que eu reorganizei por temáticas e, dentro de cada temática, por ordem cronológica. Curiosamente,

às vezes a mesma temática sobrevive ao longo de anos, continua a interessar-me recorrentemente. Na verdade, ela vai sendo abordada de diferentes maneiras e isso, de um ou outro modo, repercute efeitos da evolução dessas linhas de força teóricas e empíricas.

Eu penso que, por um lado, há uma preocupação constante, transversal às minhas pesquisas de variadíssimos anos, qualquer coisa que gira em torno de questões como: o que se vai passando, numa perspectiva dinâmica e longitudinal, no sistema de criação/produção cultural e artística, e da sua difusão e recepção e nas relações entre estas vertentes?

*ANA — É um pano de fundo...*

**MLLS** — Um pano de fundo que fez com que, quer na investigação, quer na docência, não perdesse de vista a necessidade da contextualização histórica. Vários autores com contributos para a teoria da cultura, sobretudo na linha francesa, vinham desde os anos 70 a ter muito presente essa preocupação. Articuladamente explorava-se a questão da relação entre os dois planos da cultura — o plano de sentido alargado, antropológico, digamos, que permeia o quotidiano, e o de sentido estrito, da cultura e arte produzidas por corpos de especialistas. Começaria depois a impor-se a exigência de conhecer melhor os modos como interactivam a produção e o consumo dos bens culturais. Os estudos sobre as novas tecnologias no entrecruzar das três vertentes — criação/produção, difusão/distribuição e recepção/consumo — iriam multiplicar-se... É assim que vou dar comigo a empenhar-me em reflectir (e a fazer trabalho de campo quando ele passou a ser possível, nos anos 90) sobre questões da profissionalização dos artistas, da evolução dos mercados, do acesso à oferta cultural. Internacionalmente, aumentava o interesse pelo estudo dos públicos, estimulado pela procura de informação que, a esse respeito, as políticas culturais em vários países vinham manifestando. Depois da criação do OAC, também esse interesse chegaria a Portugal. Há que dizer que os públicos só nessa fase começam efectivamente a ser uma preocupação minha.

*ANA — Uma viragem de olhar....*

**MLLS** — Bem, de facto já andara a reflectir sobre questões que precediam as dos públicos, ocupada com as condições sociais da recepção. Como se recebe um objecto artístico? E o que é que define um objecto artístico? Daí salta-se facilmente para indagar como se caracterizam as diferentes maneiras que os diferentes públicos da cultura têm de aceder e de interpretar o que, neste domínio, lhes é oferecido. Uma vez mais, impunha-se explorar as formas como se vão reconfigurando a oferta e a procura, e a relação entre elas. Aí iam ganhando vulto autores anglo-saxónicos — Becker, Di Maggio, Crane, Featherstone... traziam novos contributos à sociologia da cultura em Portugal, que diversificavam as até então dominantes abordagens dos franceses, Bourdieu, Baxandal, Certeau, etc.

Nessa linha achei muito interessante analisar, nos inquéritos do OAC aos públicos, a diferenciação que nestes se manifesta, havendo mesmo dentro daquela categoria aparentemente homogénea que acede à cultura mais exigente (os públicos ditos de “elites”) modos diversificados de recepção.

**ANA** — *O que estás a dizer é que partiste da produção cultural para as formas de recepção...É um caminho que foste fazendo...*

**MLLS** — Um caminho que passou por fazer uma abordagem em que entra também a componente económica, os mercados... outra linha de força que tem vindo a acentuar-se nos trabalhos da área da sociologia da cultura, a nível internacional e nacional. Um enfoque para que também fui abrindo lugar na minha investigação e docência. Recentemente aumenta a atenção para a cultura como factor de desenvolvimento económico. Multiplicam-se as advertências para a necessidade de uma nova agenda de investigação sobre a cultura que desenvolva o estudo do seu papel no desenvolvimento regional local, nos processos de renovação urbana, no fomento do emprego... Também a definição do conceito de sector cultural e criativo é hoje alvo de grandes controvérsias... Fizemos um encontro internacional sobre essa questão aquando da Presidência de Portugal em 2007. O acréscimo da percentagem do sector em causa no PIB não será indiferente à controvérsia... Um interesse que pode levar a pesquisa a cair numa abordagem economicista da cultura. Novos olhares a solicitar como sempre a vigilância do investigador-interventor.

**ANA** — *Como vês no tempo a evolução da sociologia, no que diz respeito à abertura a outros ramos das ciências sociais e das ciências exactas?*

**MLLS** — Confesso que, em geral, tenho dificuldade em encontrar uma grande abertura. Repito o que há pouco te dizia quanto a um certo separatismo/concorrência entre as instituições... Mesmo no próprio campo das ciências sociais. É verdade que todos afirmam a importância de ter um olhar interdisciplinar sobre os objectos de estudo, mas na prática da investigação com é que isso se manifesta? Um exemplo: sabe-se que é impossível fazer sociologia sem história, sem antropologia, etc, muito particularmente no meu ramo, o da sociologia da cultura. Agora pergunto: há muitos projectos concebidos e efectivados que integrem essas disciplinas na equipa e no processo de trabalho? Enfim, a coisa passa antes por alguns esforços pessoais bem intencionados...

**ANA** — *As pessoas informam-se...*

**MLLS** — Sim, e reconhecem essa obrigação de abertura...

**ANA** — *Isso é tanto mais paradoxal aqui no ICS, que é por definição um instituto de investigação interdisciplinar...pensas que na verdade ela não se pratica muito?*

**MLLS** — Francamente parece-me que não, mau grado as boas vontades das pessoas. Entre muitas razões, também concorre para isso, porventura, a acrescida dificuldade do trabalho interdisciplinar, do tempo mais longo que exige, o que não deixará de pesar nas agendas dos investigadores...

**ANA** — *Pensando na tua área da sociologia da cultura, notaste ao longo destas décadas alguma evolução metodológica?*

**MLLS** — Sim, verifiquei isso por exemplo no trabalho do OAC, particularmente quando se tratava de pesquisas que integravam a feitura de diagnósticos e de avaliações... Aí tivemos de passar a adoptar novas metodologias. Lembro-me, isto é um pormenor quase anedótico, quando tivemos de trabalhar com a análise *swot* (o que anteriormente eu nunca tinha feito) e usar um método de pesquisa novo especificamente para o projecto em causa (tratava-se de fazer um diagnóstico das realidades culturais e artísticas em Portugal e avançar informação para as políticas culturais no horizonte 2013).

Talvez seja de referir também alguma evolução e inovação em termos da construção de indicadores. Outra vez um exemplo: os novos indicadores de “capital escolar familiar” e de “capital cultural” que criámos no OAC para explorar os resultados dos inquéritos aos públicos, e que se mostraram fecundos no sentido de poder caracterizar mais finamente as práticas culturais dos diferentes inquiridos.

**ANA** — *Partindo da tua geração de sociólogos, os pioneiros, e considerando as outras gerações que lhes sucederam, como distinguirias uma e outras?*

**MLLS** — Desde logo, a geração a seguir à minha vai ter uma possibilidade que no nosso caso levou tempo a fazer-se sentir. Refiro-me à possibilidade de participar em projectos de equipa e de realizar trabalho de campo. É nesse novo contexto que vou poder trabalhar com os sociólogos da nova geração, o que irá acontecer sobretudo já no quadro do OAC, em condições de trabalho muito específicas, como já vimos.

Mas, muito genericamente, distinguiria os novos sociólogos por uma circulação mais ágil entre diferentes formações teóricas, o que não significa uma subalternização do teórico. Pelo contrário, diria que quanto mais jovens maior a tendência para se embrenharem num discurso super teoricista de pendor excessivamente académico que, ao longo da carreira, nos melhores casos, se irá, ao mesmo tempo, “descomplicando” e ganhando rigor. Mas esta nova geração não é ainda a novíssima, a dos que agora começam as suas carreiras e que eu já não cheguei a conhecer bem...

**ANA** — *Assististe a um crescimento exponencial do ICS, e à vinda para o ICS de muita gente diferente. Tens algum comentário a fazer sobre esta mudança?*

**MLLS** — Acho que há vários riscos em que estarão implicados os tais sociólogos da novíssima geração. Digamos que os riscos não estão tanto no crescimento e na variedade de gente de que falas, mas na actual conjuntura sociopolítica, em que toda essa gente está cercada... Um primeiro risco é o da presente preocupação com uma rentabilização do trabalho estritamente assente em critérios económicos, fazendo perder de vista uma série de outros critérios que não podem ser medidos assim, não são quantificáveis dessa forma economicista. Claro está que esse risco depende da capacidade de confronto e de afirmação que um investigador tem, mas lá que o contexto é adverso, é. E quando as possibilidades de emprego escasseiam, as possibilidades de luta tendem também a ficar bastante mais reduzidas... Depois, segundo risco: acho que é nocivo para o investigador a crescente separação entre a investigação e o ensino universitário a que, julgo, se está a assistir...

**ANA** — *E porque é que achas nocivo?*

**MLLS** — Porque a investigação e a docência articuladas talvez pudessem apoiar-se mais uma na outra... Enfim, o que me parece é que se não há uma investigação com uma capacidade de reflexividade vigilante junto da universidade, a aproximação da universidade ao exterior (em si óptima), far-se-á cada vez mais segundo os ditos interesses economicistas. Aproximação às empresas, porque se aproxima a universidade do real, óptimo, mas vamos lá a ver... a sociedade não é só mercado. E acho que há um grande risco de se fazer esta confusão: sair para o exterior é sair para o mercado... E se o investigador continuasse muito presente no ensino universitário talvez pudesse de algum modo contrariar essa tendência. Não sei, talvez, pelo contrário, possa ficar prisioneiro desse reducionismo...

Há, de facto, potencialidades que sem dúvida hoje os jovens investigadores têm: possibilidades de trabalho muito maiores, uma capacidade de intervenção sobre a sociedade muito maior, e isso é muito importante, comparativamente à minha geração. Mas depois há estas dificuldades e riscos com que eles se defrontam já e se vão defrontar cada vez mais... são uma séria ameaça.

**ANA** — *Como vês o futuro das ciências sociais em Portugal? Já falámos dos riscos... e as potencialidades? Quais as principais potencialidades e os piores escolhos?*

**MLLS** — Não saio muito do que disse...

É verdade que as possibilidades de trabalho no campo têm vindo a aumentar, que as possibilidades de intervenção dos cientistas sociais se vêm alargando, que o intercâmbio científico internacional vem crescendo... E o futuro? O horizonte parece-me muito ameaçador. É evidente que, quando há crise, todos aqueles aspectos negativos que aponte se adensam. “Não há dinheiro para fantasias”, aparece logo dito assim. Ou se trabalha tendo em conta que a sociedade é o mercado, ou as outras coisas que ficam de fora,

não vale a pena estar a gastar dinheiro com elas. Penso que este será o maior risco para o futuro das ciências sociais... e não só.

**ANA** — *Qual te parece ser a posição do ICS no campo institucional das ciências sociais em Portugal?*

**MLLS** — Parece-me uma posição que continua a ser muito importante. O ICS, com boa vontade ou com má vontade, é sempre visto como uma referência. Ao longo de várias décadas, defrontando-se com várias dificuldades, nunca desapareceu de cena. Dizer que se é investigador do ICS, vale. É gratificante trabalhar num instituto de há longa data reputado pela qualidade, pela seriedade do seu trabalho. E isso parece-me que tem sido uma marca que vem persistindo.